



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MÁRIO ROBERTO GENEROSI BRAUNER

(depoimento)

2004

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-85

Entrevistado: Mário Roberto Generosi Brauner

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Giovanni Frizzo

Data da entrevista: 24/11/2004

Transcrição: Camile Romero

Conferência Fidelidade: Anna Maurmann

Copidesque: Johanna Coelho von Mühlen/Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Felipe Schuch

Fitas: (01 fita) 85/01-A 85/01-B

Total de gravação: 42 minutos

Páginas Digitadas: 14

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 01704/2007/01

Nº da fita: 01704/2007/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

BRAUNER, Mario Roberto Generosi. *Mário Brauner (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2007.

Sumário

Relato da história do professor dentro da Escola de Educação Física da UFRGS, primeiro como aluno e, posteriormente, como professor; formas de ingresso no curso; professores; Diretório Acadêmico; infra-estrutura; desfiles da Semana da Pátria; Ditadura Militar; Pós-graduação.

Porto Alegre, 24 de novembro de 2004. Entrevista com professor Mário Brauner, a cargo do entrevistador Giovanni Frizzo, para o Projeto ESEF 65 anos do Centro de Memória do Esporte.

G.F. - Professor Mário, eu queria te perguntar, como é que começou a tua história dentro da ESEF¹? Primeiro como aluno, depois como professor.

M.B. - Bom, vamos remontar um pouco o tempo e, vamos ver como veio a vontade de entrar na ESEF. Por uma pressão da família, eu tinha que fazer um curso nobre, de reconhecimento social, então, eu pensei... Fiz na minha cidade, eu sou de Pelotas, fiz vestibular para Medicina... E, resultado da minha vida toda de juventude... Eu gostava de fazer todos os esportes, não fazia nada muito bem, mas fazia tudo bem, então, era um sonho vir para ESEF da UFRGS². Ela era, senão a única, uma das poucas ESEFs daquele tempo; estamos falando de 1971. Vir para cá, significava estar ao lado de jogadores importantes: futebol, basquete, porque os melhores jogadores estavam aqui. Então, era um sonho! Aí, fiz o vestibular na ESEF, consegui passar. Naquele tempo, tinham vagas para turma da tarde e para turma da manhã: os com melhores resultados entravam de manhã, os com piores resultados entravam de tarde. Eu entrei na turma da tarde e, essa separação, fazia com que a gente sentisse uma sensação de pertencimento, de identificação. A Escola, a ESEF era nossa... Tinham cinquenta de tarde, cinquenta de manhã; a Escola era só nossa. A gente normalmente passava o dia lá, ou, pelo menos, o turno - no nosso caso, era de tarde e de noite. Então, a gente vinha de tarde e saía de noite, passava jogando o tempo inteiro. Tínhamos uma relação incrível entre os estudantes e uma relação - acho que resultado de uma educação da época - bastante distante dos professores, não era possível se acercar tanto dos professores. Naquele tempo, os professores eram um pouco mais velhos que os alunos, especialmente eu, fui o aluno, no meu tempo, mais jovem que estava na Escola; entrei com dezessete anos e saí com dezenove, eram três anos o curso, então, eu fui... Tive uma passagem pela ESEF como aluno, uma passagem de muitas recordações, um tempo de muita malandragem, até não sei qual a relação, mas acho que um pouco do sério que eu possa ser hoje como professor, resulta do tão inconseqüente que eu fui como aluno. Eu vivia a ESEF como um clube, como um lugar de... Mais do que nada,

¹ Escola de Educação Física.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

aproveitamento social e tal. Estava em todas festas, estava em todas traquinagens que pudessem acontecer, movimento com os professores, com os alunos. Nesse tempo, nós não tínhamos só o D.A.³, o D.A. cuidava das coisas mais políticas ou, das coisas mais de formação, e a Associação Atlética cuidava mais do esporte. Eu nunca estive no D.A., sempre fui da Associação Atlética, teve uma gestão que eu fui vice-presidente. E, o esporte universitário, naquele momento, estava muito vivo, nós... Os Jogos Estaduais das Escolas de Educação Física, houve três edições: a primeira foi em Santa Maria, a segunda em Santa Cruz e a terceira em Cruz Alta⁴. Esses jogos eram uma semana que a Escola se mudava para outra cidade e exigia uma preparação, uma organização muito importante a nível de participação e, eu estava normalmente metido nisso. As pessoas – não sei se é traço de personalidade – me identificavam muito como o cara da ESEF da UFRGS; como treinador me identificavam como o cara da SOGIPA⁵ e, hoje, de novo - até porque é o único trabalho que eu tenho, eu tenho dedicação exclusiva na Escola - as pessoas me identificam um pouco como móveis e utensílios da ESEF. É interessante recordar um pouco a forma como tu entravas na faculdade: no primeiro dia que tu te apresentavas, recebias um saco, uma sacola com o logotipo da Escola e tal, toalha, sabonete, chinelos, um armário numerado com chave, decalcos, flâmulas, camiseta da Escola, isso tudo. Tu recebias um pacote na chegada, que já te ajudava a ficar mais impressionado. Existia uma passeata dos bixos⁶ que se organizava, todos os cursos na Reitoria e a gente ia em caminhada, com ampla cobertura da imprensa, o centro parava, porque a gente percorria toda a Rua da Praia e terminava na Praça da Alfândega, ali tinha o banho dos bixos, todo mundo... Ali aconteciam os trotes, todos os cursos juntos. Existia, nesse tempo, um jornal só do esporte, que chamava Folha da Tarde Esportiva ou Folha Esportiva⁷, que dava uma cobertura muito importante de tudo que se relacionasse ao esporte e, a ESEF, tinha, naquele momento, um viés importante de formação, pessoas muito reconhecidas na sociedade davam aula aqui, tinham saído daqui, Gilberto Tim⁸, o próprio Alduíno Zílio, que um dia foi diretor da Escola, jogadores famosos, Gainete⁹, que, depois, foi treinador também. Bom, muita gente que tu acabas, de

³ Diretório Acadêmico.

⁴ Cidades do interior do Estado do Rio Grande do Sul.

⁵ Fundada em 1867 como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica). A partir de 1942 passa a chamar-se Sociedade Ginástica Porto Alegre.

⁶ Calouros do curso de Educação Física.

⁷ Jornal da Fundação Caldas Júnior. Já está fora de circulação.

⁸ Preparador físico de equipes de futebol profissional.

⁹ Carlos Gainete, ex-treinador de futebol.

vez em quando, até cometendo injustiça de esquecer nomes importantes. Mas era essa possibilidade de estar junto com pessoas muito reconhecidas ali, que a gente até... No meu caso, eu era torcedor de carteirinha, era do interior, ouvia falar daqueles nomes, Dorinho¹⁰... Eram uns caras... Meus ídolos. E eu estava aqui, do lado deles e, junto com outras pessoas que, como eu, mais ou menos anônimas, mas com muito vontade de curtir o tempo. Então, o curso era de três anos, a turma da manhã, a turma da tarde; vários encontros da manhã contra a tarde, várias atividades comuns, manhã e tarde, uma rivalidade sadia, que só fazia a Escola crescer. Enquanto eu estava na Escola, de 71 à 73, se criou o curso da tarde porque deu um “bolor” no vestibular e houve problema de classificar os caras. Então, tiveram que abrir o mesmo número de vagas para manhã, para aqueles que estavam injustiçados, entre os injustiçados, eu estava lá. Então, entrei na turma da tarde que era a rebarba, os bons estavam de manhã e o rebote estava de tarde, mas a gente não se sentia assim. Nos sentíamos super unidos e identificados. Saiu muita gente boa, o diretor da Escola hoje¹¹, era da turma da tarde. O Pró-Reitor da Extensão, que foi diretor da Escola¹², era da turma da manhã, o Adroaldo¹³ era da turma da manhã, o Biazus¹⁴, o Fortuna¹⁵, eu sei que no nosso tempo tem muitos professores. O Moraes¹⁶ era da turma da tarde, muitos professores hoje da Escola, eram daquela safra lá do início dos anos 70. Alguns desses, já entraram com uma idéia fixa de fazer carreira acadêmica e, a grande maioria, queria mais era ir para as escolas. A escola era o grande lance, diferente de hoje, tu tens um trabalho principal e pode ser que tu pegue uma escola como bico. Naquele tempo, a gente ia para a escola, tinha o grosso do trabalho na escola e várias outras possibilidades de bico. Junto com os cursos de licenciatura, que eram de três anos, tinham cursos de curta duração. Muitos lugares no interior não tinham professores de Educação Física, então, se capacitavam professores, normalmente pessoas de outras áreas e mais velhos, faziam um curso que chamava PREMEX¹⁷ e, depois de um ano, eles voltavam e davam aula em condição precária, com um título precário, davam aula de Educação Física, estavam... Também aqui dentro da Escola existia curso de um ano voltado só para a

¹⁰ Ex-jogador e treinador de futebol.

¹¹ Ricardo Demétrio de Souza Petersen.

¹² Antônio Carlos Stinghami Guimarães.

¹³ Adroaldo Cezar Araujo Gaya.

¹⁴ Luiz Biazus.

¹⁵ Newton Fernando Fortuna.

¹⁶ Luiz Fernando Ribeiro Moraes.

¹⁷ Cursos de extensão oferecidos a professores.

Educação Física infantil, para escolas da educação básica, da pré-escola e tal. Existia também um curso que, eu acho, chamava massoterapia, era de massagem, um ano também, e dava uma possibilidade dos caras trabalharem. Então, a Escola tinha uma vida muito rica, interesses muito variados e as pessoas um pouco diferente do tempo que a gente vive hoje. Quando digo diferente, não era melhor, não era pior, era diferente, as pessoas tinham mais tempo para ficar na Escola e curtir as coisas da Escola. Então, a estrutura da Escola... Isso aqui era um grande campo. Dos prédios que existem hoje, este ginásio que nós estamos, esse lugar onde nós estamos aqui, no fundo do ginásio, bem depois se transformou única e exclusivamente no LAPEX¹⁸, mas, quando a gente entrou, isso aqui tinha uma parte de cima, onde fica a sala grande do CEME¹⁹, aquilo ali era a sala do judô e na frente, no CEME, tinha o bar, o bar da Escola era ali, não é? E, aqui, na parte do fundo, era o LAPEX. Tinha só esse ginásio, não tinha ainda o ginásio 2; nesse prédio administrativo, eram as salas de aula, tinham também salas de aula numa escola pública, que era uma casa de madeira inclinada para um dos lados e tal, caindo os pedaços, cheia de cupim. Ali durante bom tempo tinha um outro bar e, mais três ou quatro salas de aula; em cima na administração, eram as salas de aula, as salas grandes de aula, na frente do PET²⁰, uma piscina de... Um tanque com sete metros, na frente do PET, onde tem os bancos, onde as pessoas sentam e tal, aquilo ali era um tanque com três degraus, ali era onde a gente tinha aulas de natação e como não comportava aqui, a gente ia para o Petrópolis²¹ e... Alugado, enfim... Para as aulas de ginástica também se alugava a ACM²². Faz parte da história da ESEF, enquanto não estava constituído esse parque que hoje é a Escola, a gente teve aulas em lugares diferentes, umas... Uma das disciplinas destaque, com certeza, era o remo. Em função do remo, nós éramos obrigados a sair, pouca gente, naquele tempo, tinha carro, pouca gente que estudava na Escola tinha carro, quase todo mundo vinha de ônibus, não me lembro do Jardim Ipê, eu acho que era só o Jardim Botânico²³. A gente quase sempre dormia, porque vinha logo depois do almoço e muitas vezes ia até o Araribóia²⁴ e na volta ficava aqui, porque os caras nos acordavam. E... Bom, ir para o remo era toda uma aventura, e lá a gente passava a tarde, era para ter uma aula e tal, mas passava a tarde, fazia

¹⁸ Laboratório de Pesquisa do Exercício, fundado em 1973.

¹⁹ Centro de Memória do Esporte.

²⁰ Programa de Educação Tutorial.

²¹ Petrópole Tênis Clube, fundado em 07 de setembro de 1941.

²² Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

²³ Referindo-se a duas linhas de ônibus de Porto Alegre.

²⁴ Parque Araribóia, localizado no Bairro Jardim Botânico em Porto Alegre.

a volta na ilha, derrubava os caras dentro d'água, virava o barco, foi uma cadeira impressionante. Infelizmente não existe mais, mas existiu até a metade dos anos 90. Eu acho que quando se aposentou o Schulz²⁵, que era o encarregado, o professor encarregado, terminou com ele o remo. Isso, infelizmente, tem acontecido. No nosso tempo tinha boxe, com luvas e tudo, a gente fazia... Tinha esgrima, tinha... Mas conforme os professores foram aposentando, foram se retirando, essas cadeiras mais especializadas foram dando lugar às reformas de currículo. Mas, então, eu falei da piscina, do tanque... A pista de atletismo ficava onde são as salas de aula hoje, lá no fundo e tem um plano inclinado, que, desde aquele tempo, já existia. Ali a gente fazia treino para salto com vara, travava as taquaras no negócio e pulava, era muito interessante, tinha uma pista de carvão, pequeninha, reduzida e ali a gente fazia as aulas de atletismo. A Escola sempre participava nos desfiles de Semana da Pátria²⁶, então, era também uma época interessante que se faziam ensaios parciais, depois, ensaios gerais, era um movimento super grande, também existia... Os alunos...

G.F. - Gostavam de participar? Tinham interesse?

M.B. - Gostavam... Uns porque tinham um sentido patriótico e tal, mas a grande maioria, porque acontecia de tudo. E, depois, quando saíamos para representar a Escola, aí a gente vestia a camiseta, mas os ensaios eram um acontecimento social incrível. Fazia-se também algumas grandes participações, cem alunos, cinquenta alunos com apresentações de ginástica, de macroginástica. Antes de jogos importantes de futebol, tinha os jogos acadêmicos, todos os cursos, jogos importantes, quase sempre as decisões dos campeonatos de futebol se davam nas preliminares de Gre-Nal²⁷ e tal. Então, aqui no nosso time treinadores importantes... Ivo Wortmann, Joel Castro Flores, Julinho Espinosa²⁸, eram nossos contemporâneos [palavra inaudível], nomes que depois foram consagrados em áreas de preparação física, de treinamento desportivo. É uma história riquíssima tu vais lembrando e... Estava te falando da estrutura: onde era o ginásio... Onde é o ginásio 2 hoje era.... O finalzinho da nossa pista de atletismo era um banhado. Nossa pista grande aqui era

²⁵ Roberto Schulz.

²⁶ Desfiles de homenagem ao dia sete de setembro, dia da Independência do Brasil.

²⁷ Jogo clássico do futebol gaúcho, entre Sport Clube Internacional e Grêmio Football Porto Alegre.

²⁸ Ex-treinadores de futebol.

um grande banhado também. A piscina, eu não lembro exatamente, acho pertinho dos anos 80 foi criada. A pista eu acho que 82 ou 79, uma coisa assim, só, então, mudou um pouco... Eu não me lembro... As quadras de tênis... Eu acho que as quadras de tênis ficavam no LAPEX, onde está hoje... Tinham duas quadras... Eu fui monitor de tênis. E, particularmente, da minha trajetória como aluno... Teve professor que quando eu entrei como professor aqui, eu fui indicado, eu não fiz concurso, eu entrei porque tinha um professor que me indicou, o diretor da Escola era meu colega no Julinho²⁹, me indicou para cá, o outro professor de basquete, eu fui assistente dele na SOGIPA, me indicou para cá. Então, eu entrei como professor por indicação, passados dois anos tu renovavas o contrato, te efetivavas, eu entrei sem fazer concurso para a ESEF. Sou um defensor da necessidade dos concursos, mas também através do tempo tenho me dado conta que tem muita gente que fez concurso e que entrou pelas vias que realmente eu considero as melhores, mas ainda assim não se envolveu com a proposta da Escola, não viveu a Escola, como eu e outros professores que não fizemos concurso acabamos nos envolvendo. Me formei em 73, a idéia era formar e fazer um curso fora, eu tinha juntado dinheiro para ir. Um cara que foi juiz de futebol até muito pouco tempo aí, Luiz Cunha Martins³⁰, o Júlio Espinosa, que acabou realmente sendo o cara que foi e ficou e... Mas quando eu me formei minha mãe teve um acidente cerebral e tal, é vida até hoje. Desde então, ela está doente e tal, aquilo me obrigou a não sair da cidade e do país. Eu me formei em 73, em 76 fiz um curso de especialização em treinamento desportivo em 77 em basquete especificamente e, depois, em 79, surgiu a possibilidade de entrar na Escola e dividir com esses professores antigos, eu era o professor mais jovem da Escola e, hoje, talvez, sou um dos mais antigos.

G.F. - Sempre como professor de basquete?

M.B. - Sempre como professor de basquete! Sempre como professor de basquete, sem dedicação exclusiva. Eu vinha aqui, dava as minhas aulas, sempre três turmas, tinha doze horas, dava aula no Julinho, dava aula na SOGIPA. O meu tempo era dividido em três lugares, a ESEF era um desses lugares. Acho que fui um bom professor, mesmo não tendo dedicação exclusiva e tal, mas não vivia a Escola, não conhecia nada na Universidade, só tinha o compromisso com as minhas aulas. Participei de algumas passagens muito

²⁹ Escola Estadual Júlio de Castilhos.

³⁰ Ex-árbitro da Federação Gaúcha de Futebol.

importantes, algumas decisões. Desde muito tempo, a Escola teve algumas divisões políticas, já faz muito tempo que existe toda uma resistência contra os médicos e nós tivemos aqui médicos importantes como professores, alguns chegaram a exercer cargos administrativos. Quem criou o laboratório aqui, o LAPEX, foi o De Rose³¹ que chegou à direção; alguns militares também foram diretores, alguns médicos foram diretores, então, eu acho que o professor Bugre Lucena³², foi um dos pioneiros no movimento de tentar resgatar a Educação Física para o profissionais de Educação Física. Era uma coisa bem corporativa, mas... Nós tínhamos um diretor da Escola, professores, pessoas bem mais velhas e coronéis, generais, tenentes, pessoal da Faculdade de Educação também, pessoas com muita experiência, professora Iula Hervé³³, o Targa³⁴, que foi diretor, médicos, doutor Costa Filho³⁵, Itamar Sofero Canto³⁶. Pessoas que no seu momento eram páginas gloriosas da sociedade. E, eu era o mais moço e, hoje, estou me aprontando aí, sou um dos mais antigos e... Não sei, cara! Me perco aqui nas coisas que tenho... Antes de conversar contigo, estava tentando...

G.F. - Tu sempre teve uma participação – acredito, pelo menos pelo que eu te conheço – nas questão de movimentos, de comissões, de conselhos, enfim, de discussões. Tu sempre teve um envolvimento bastante importante. Tu achas que isso realmente foi importante, é importante... Vamos dizer assim, de vitória, tu acha que trouxe para a ESEF, para Educação Física, para profissão dos professores, alunos?

M.B. - A militância no movimento estudantil ... Não, eu acho que eu, hoje, valorizo muito mais, eu acho que hoje eu me sinto preparado para fazer um curso de licenciatura. Hoje, eu ia dar um baita aluno de Educação Física, porque quando eu fiz o curso, tinha outros tipos de preocupações. Mas, de qualquer maneira, a própria militância no esporte e as tentativas de organizar e fazer as representações da Escola funcionar, acho que contribuíram demais para minha formação. Primeiro como treinador desportivo, porque eu saí daqui e, em seguida, desemboquei para dirigir equipes e tal, e mais adiante, eu acho que a partir do

³¹ Eduardo Henrique De Rose.

³² Bugre Ubirajara Marlmon de Lucena

³³ Iula Maria Green Hervé.

³⁴ Jacintho Francisco Targa, diretor da ESEF de 1945 a 1953.

³⁵ Nome sujeito à confirmação.

³⁶ Nome sujeito à confirmação.

início dos anos 80, quando se criou a ADUFRGS³⁷, que é a associação dos docentes da universidade - eu não participei da formação da ADUFRGS, mas participei desde as primeiras assembleias - houve movimentos muito importantes de resistência que, se não conseguiram melhorar de uma forma importante as condições de trabalho, pelo menos foram diretamente responsáveis por evitar que as coisas fossem esculhambadas ou terminadas da forma mais avassaladora. Então, no meu segundo momento da universidade, quando eu me preparo para ir para o doutorado, pego dedicação exclusiva, aí eu começo com os órgãos de representação, participando de colegiado, mas aí eu já era professor. Eu acho que tinha boa participação nas discussões que aconteciam na Escola. E, tenho um reconhecimento incrível, porque... Pelos meus colegas professores que... Os melhores professores de Educação Física, sob o meu ponto de vista, eu identifico que são aqueles que tiveram uma história de militância em movimentos. Primeiro, eu fico arrepiado quando ouço as histórias dos professores de outros cursos, que participaram no tempo da ditadura e da repressão e que foram excluídos e que depois voltaram... Bah! Eu, enquanto isso, jogava bola. Nesse tempo, eu não tinha nenhuma... Mas fico muito impressionado pela luta que esses caras tiveram e responsabilizo diretamente o resultado dessas lutas por uma condição melhor que a gente tem hoje, ou, quando não é possível uma condição melhor, uma condição menos ruim, são esses movimentos aí... Eu vejo gente muito articulada, fora uma formação acadêmica, mas essa formação feita no chão, na realidade concreta, nas lutas, nos movimentos e tal. E, os melhores professores que eu vejo de educação física, eles são esses militantes do movimento estudantil. Tem “n” exemplos aí, que eu acho que também a gente incorre o risco de fazer injustiça.

G.F. - Durante a ditadura tu... A ESEF tinha algum... Não que ela pudesse ter algum posicionamento, mas tu sentias algum movimento de base contrária ou discussão na questão da ditadura militar, tanto de professores, quanto alunos, funcionários?

M.B. - Como eu te coloquei, eu chego em Porto Alegre em 71, eu era do interior e, o auge desses movimentos, aconteceram de 64 a 80. 84 termina, mas, no tempo que eu pude participar, a ESEF tinha os professores muito engajados. As assembleias da ADUFRGS eram impressionantes em nível de participação, não se realizavam com tanta frequência e tal. E, realmente, quem participava eram professores que, ao mesmo tempo, davam suas

³⁷ Associação dos Docentes da UFRGS.

aulas, levavam suas pesquisa - muito menos pesquisas que agora - tinham sua atividade curricular e, ao sentirem pressionados por um sistema, ou em defesa de companheiros que estavam ameaçados... A ESEF participou em algum momento, de uma forma... Nós temos vários colegas que foram da diretoria da ADUFRGS e... Mas isso, com o passar do tempo, foi esmorecendo e, as pessoas foram se especializando, essa necessidade da especialização fez que os caras se recolhessem mais ao seu laboratório, ao se escritório, a sua sala e desenvolvessem os seus trabalhos acadêmicos e fossem perdendo um pouco desse envolvimento em... Acho até como resultado de uma política propositalmente colocada pelo... Então, voltando ao meu tempo de aluno, naquele tempo, tinha turma da manhã, turma da tarde, a gente ia com os mesmos companheiros todo o tempo do curso da Escola. Então, se eu tinha um problema como aluno, para eles tomarem alguma atitude comigo, eles tinham que tomar com toda a minha turma, a gente era muito unido e de um modo geral acontecia isso. Os professores... Poxa, tem casos aqui na Escola mesmo, que tiveram que enfrentar ações na justiça com os seus alunos. Teve professores que foram excluídos e, voltaram depois, por ações judiciais e tal. Isso aí, é resultado de um choque de... Os estudantes tinham uma força incrível e, os professores também, de alguma maneira eram muito assíduos nas assembleias, mas com o passar do tempo a gente foi se espalhando. E, assim como aconteceu quando a gente era estudante, que a gente tinha turma, era muito mais unida, eu acho que com os professores também, eu acho que enquanto a gente fazia as suas coisas e tinha tempo para pensar nas coisas da universidade como um todo, a gente tinha um espírito de corpo muito mais afirmativo. Com o tempo, cada um foi cuidando das suas coisas e dando a paridade do tempo para prioridades individuais e, a gente foi... O governo hoje faz com que os professores busquem outras alternativas para complementarem seus ganho e tal. Então, tu tens muita gente trabalhando aqui e, também tratando de fazer outras coisas para complementar o salário, e daí, perdem de vista a valorização do professor dentro da universidade, a valorização da universidade pública enquanto parâmetro importante para a sociedade. Nós temos um... Grande parte dos professores hoje, com consultorias, com muitas viagens, com cursos, o que de certa maneira promove a Escola também, mas fragiliza um pouco aquele contato presencial, aquela proximidade professores-aluno, a influência dos professores mais diretamente na formação dos alunos. É curioso, porque quando eu digo que parece que houve um certo esfacelamento dessa relação professores-aluno, por outro lado, muitas vezes, esses professores que estão envolvidos com muitas outras coisas, eles também são responsáveis

por darem oportunidades importantes para os alunos nos seus grupos de estudos, na sua linha de pesquisa e tal. Vai se multiplicando uma formação, os alunos vão, eu acho que, muito precocemente se envolvendo com uma especialização e tratando de cuidar dessa especialização mais do que uma formação ampliada e tal. Tu quando me perguntasse aqui “como tu vê os movimentos?”. É, eu acho que bastante debilitados por essa especialização de todo mundo, cada um cuidando de resolver os seus problemas pessoais. Sindicatos, hoje, estão bastante partidários, enfim, defendendo interesses de partidos ou, então, com pessoas sem produção acadêmica porque é difícil conseguir fazer as duas coisas, ser um militante político, um militante social e ter uma certa produção acadêmica. Mas eu sou das pessoas que acreditam que a formação no Diretório Acadêmico, a formação no bar, a formação nos encontros nas festas, nos corredores, nos vestiários, que essa Escola está tendo nos últimos tempos muita dificuldade de possibilitar aos seus alunos, eu acho que essa é uma formação, um caldo de cultura muito...

[FINAL DA FITA 85/01-A]

M.B. - Hoje, eu me dou conta e, até acho que me contradigo, as pessoas que mais vivem a Escola hoje, tu não as vê, elas estão no seu laboratório, ou estão no seu departamento, ou estão lá no seu setor, enfiados de cabeça para fazer as coisas funcionar. Antigamente viver a Escola era ter esse envolvimento com o D.A., esse envolvimento com o bar, com as festas, saía daqui, ia para a esquina dos gringos ali, a gente almoçava por ali, ou jantava por ali, ou, de vez em quando, estava sentado no bar da frente, vinha o professor, sentava junto, isso mais recentemente. Então, se falava mais, de uma maneira que parece que a preocupação dos professores e dos alunos era uma preocupação senão parecida, mas próxima. Hoje, os alunos de pós-graduação não são da ESEF, tu não vê eles por aí, não existe contato nenhum dos professores, ou dos alunos de mestrado e doutorado, tu não sabe quem são, eles não têm envolvimento. E, eu te falei que, no nosso tempo de estudante, tinha o PREMEM, tinha educação infantil, tinha massagem, tu isso aí juntava e não eram os mesmos professores necessariamente, tinham pessoas de fora, mas todas eram ESEF. Então, hoje, é difícil dizer quem vive a ESEF, porque uns vem pouco na Escola ou vem de passagem, tem muitos interesses fora da Escola e, outros, têm todos interesses aqui, mas estão tão dentro desses interesses que parece que não produzem se saírem fora dali. Então, a Escola, com o passar do tempo, vai se profissionalizando e crescendo patrimonialmente

e, no reconhecimento, se fala muito em ser a melhor Escola do país e tal, mas vai se perdendo muito, eu acho, uma concepção assim de família, de grande família, ou de um time coeso e tal. Hoje, eu trabalho aqui, do meu lado trabalha outro cara e, eu não sei o que ele trabalha e ele não sabe o que eu trabalho, enfim. Nas reuniões de departamento a gente fala de questões administrativas, não tem condições de falar de questões pedagógicas ou as coisas que vão acontecendo, quando se fala de alguma disciplina é para punir, é para ver responsabilidades. Então, muito pouco espaço de intervenção coletiva, de ação coletiva, as pessoas... Se tu vai promover uma festa aqui, a festa de final de ano... O ano passado, a festa da ESEF aqui, foi muito bem organizada, mas foi super, a Heloísa³⁸ parece que organizou. Foi incrível! E, parecia que era alguma coisa artificial aquele encontro das pessoas. Tu convidas as pessoas para ir... Elas até vão porque são tuas amigas, elas vão te dar uma colher de chá e vão, mas quem mete a mão para ajudar antes, para ajudar depois a desfazer o que tinha feito, a fazer o que precisa ser feito, não é fácil! Não é fácil! Cada setor trata de ser o melhor, o mais competente possível, daqui a um pouquinho, vem o destaque: o setor que mais funciona na Escola. Então, é tudo bastante competitivo. Mas essa competição eu acho que se perde um pouco de vista, acho que a gente tem que fazer a competição de conseguir tornar a Escola a que dá maior retorno para a sociedade e, não... A gente tinha que nos importar em ganhar de um jogo que acho que ninguém reconhece, que é o jogo mais importante que tem aí, que é dar oportunidade para as pessoas, não de irem para a SOGIPA, para o União³⁹, para o Grêmio⁴⁰, para o Inter⁴¹, mas de terem um atendimento, de terem a possibilidade de um serviço, uma possibilidade. Olha o que é a nossa pista de atletismo, o que é o movimento de tarde! E, nós não temos nada organizado para receber e usar esse laboratório que está ali, as tentativas que se fez duraram muito pouco. E, por outro lado, se tem melhorado muito, acho que a extensão da ESEF nunca foi tão forte, a pesquisa da ESEF, no cenário da Educação Física, eu acho que ela tem o reconhecimento, eu acho que as pessoas estão super preocupadas em estabelecer convênios com outras instituições e estão conseguindo, mas essas mesmas pessoas que estão aí, vendendo a imagem da Escola para nível externo assim, para nível de um cenário nacional no nosso campo, elas estão muito distante da graduação, especialmente da graduação. Isso

³⁸ Heloisa Perrot Carmona.

³⁹ Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

⁴⁰ Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903.

⁴¹ Sport Club Internacional, fundado em 4 de abril de 1909

aí é uma coisa, se as pessoas... Se as pessoas iminentes que nós temos aqui na Escola dedicassem a qualidade do tempo que dedicam para a pós-graduação, dedicassem um pouco dessa qualidade para a graduação, *barbaridade!* Mas essas são velhas discussões que nós temos aqui e algumas discussões a gente nem tem mais, as posições estão consolidadas. Bom, eu – Mário -, está preocupado aí com o geral, não consegue fazer nada específico. Então... Enfim, e os alunos eu acho que perdem oportunidades muito importantes e por outro lado ganham com essa variedade de focos e tal; eu acho que os alunos acabam podendo se aproximar de realidades bem distintas. Eu acho que a comunicação na Escola é uma coisa bastante falha, nesse momento em relação à quando a gente tinha toda aquela vivência que comentava antes, as oportunidades quando surgiam, é difícil surgir para um ou para outro, surgia para todo mundo e as pessoas que mais queriam, iam. Se bem que, historicamente, eu acho que os mais ligeiros sempre acabam. Se tu fica esperando chegar a informação, tu nunca vais pegar um lugar para viagem alguma. Se tu vais atrás da informação, muitas vezes tu... Foi assim que alguns colegas que hoje estão na área biológica, que estão no LAPEX e que estão na direção da Escola, assim eu acho que eles foram muito mais enfáticos, muito mais decididos, eu acho que tiveram desde muito cedo clara a idéia de trabalhar na Escola e de buscar oportunidade na academia. Essas pessoas foram as primeiras a sair, fazer curso fora e retornar numa outra condição para cá, não é? Eu não sei se outras pessoas já comentaram com vocês ao longo das entrevistas que vocês têm feito, a Escola teve um “boom” aí de capacitação dos professores, no início dos anos 90. Então saíram quase dez professores para fazer o seu doutorado e voltaram quatro, cinco anos depois e alguns permaneceram, outros se aposentaram e foram trabalhar nas instituições privadas. E, bom, agora eu acho que tem dois ou três professores fora - quatro professores fora - tem um ou dois na iminência de sair, nesse semestre saíram dois professores e tal. E o que tem acontecido com o pessoal que volta, normalmente eles mudam de área, eles ficam com o pé muito longe da graduação, voltam, fazem seus projetos e até é uma maneira de crescer profissionalmente, academicamente, mas cada vez mais a graduação está em mãos de professores substitutos, professores. Os mais experientes estão, talvez por serem mais experientes estão fazendo as coisas mais, que significam uma avaliação melhor para a instituição, enfim. Não sei o que eu te...

G.F. - Não, é isso Mário. Na verdade eu queria te agradecer pelo teu depoimento, que vai ser utilizado para o nosso projeto e obrigado, se tu tiver uma consideração final, eu te agradeço em nome do projeto.

M.B. - Eu acho que vocês poderiam no final desse, dessa amarração toda de entrevistas e contatos com as pessoas, tentar promover um encontro de todas essas pessoas, quem sabe resgatar algumas histórias curiosas e botar na roda. No mínimo se riria muito, se reencontraria pessoas. A Escola eu acho que tem uma memória muito curta, nós tivemos algumas pessoas que foram a própria história da Escola, tanto a nível de professores, como de funcionários. Nós tivemos funcionário que morreu aqui dentro da Escola, engasgado com um osso na garganta e tal. Nós tivemos pessoas folclóricas, funcionários que vestiam a camiseta. A gente tinha times de futebol de professores e de alunos juntos e a gente jogava, entrava em eventos da Universidade. A gente todos os sábados jogava, fazia um churrasco, o jogo era um pretexto. E tinha o Danilo⁴², que era da piscina, um cara que tinha um problema na perna, mancava e tal, mas ele era... Acompanhava tudo! Existia aí Seu Aníbal⁴³, o Paulinho⁴⁴, funcionários que foram então muito presentes na lembrança... O próprio Walter⁴⁵ que está na Escola aí há bastante tempo. Então, eu acho que recuperar um pouco enquanto as pessoas são vivas, não sei. Dar nome do ginásio, ou botar busto. Não tem... Para mim particularmente não tem o mesmo efeito de trazer pessoas que são a história viva da Escola, eu acho que tem alguns professores do meu tempo que estão vivos e que fazem... Eu acho que, não sei, não tiveram mais oportunidade de voltar na Escola. Algumas passagens assim incríveis de pessoas que deram... O professor de esgrima, deu a roupa de esgrima, deu material de esgrima e tal, doou para a Escola. Em determinada oportunidade precisou emprestado esse negócio, a Escola não emprestou, ou não teve meios de recolher o material que era dele, que ele tinha doado, mas que então ele... Então a Escola parece que... E não sei se é só a Escola, parece que é um fenômeno do nosso tempo, a gente perde a noção da importância das pessoas que estiveram por aqui. Nós temos ainda, agora mesmo, um professor que há cinco anos ainda era professor daqui, uma das grandes figuras do esporte no Rio Grande do Sul, que teve um problema de saúde, se recolheu, ele não veio mais na Escola, nem a gente tem conseguido estar junto dele e tal. Quer dizer, fica

⁴² Nome sujeito à confirmação.

⁴³ Annibal Theophilo Florindo da Silva

⁴⁴ Nome sujeito à confirmação.

⁴⁵ Nome sujeito à confirmação.

muito prejudicada, com a profissionalização, com esse gigantismo, com essa tentativa de botar a ESEF na rua, fica muito prejudicado o terreno das relações sociais e o troço está muito gelado, muito frio! Eu acho que tu como aluno, tens a oportunidade de perceber se tu diz: “E aí Mário, tu queres acrescentar alguma coisa?”. Eu acho que esse estudo, como um tempo atrás foi feito uma revista dedicada ao LAPEX, aos 25 anos do LAPEX, eu acho que vocês... Já que eu não sei exatamente a finalidade desse... O que vocês vão fazer, se é a produção, se é o registro oficial, o que vocês estão... Qual é o objetivo final, assim, da realização desse trabalho. Mas eu sugeriria com muito carinho assim, que vocês vissem a possibilidade de promover um encontro de pessoas que contribuíram aí nesses relatos e acho que também por esquecimento, ou por falta de localização, algumas pessoas importantes vão deixar de dar o seu depoimento. Esse encontro poderia servir inclusive para um depoimento coletivo, quer dizer, juntar. Ao invés de fazer uma entrevista individual, juntar quatro, cinco, dez pessoas que foram... A ESEF, no seu tempo lá, foram pessoas muito importantes. Acho que uma história puxa a outra e há um ambiente, sem dúvida riquíssimo. Eu te agradeço a oportunidade, acho que te dei uma pequena contribuição e estou à disposição de repetir as vezes que tu achares que possa se fazer necessário.

[FINAL DO DEPOIMENTO]